ANTROPOCENO E TRANSCORPORALIDADE EM *PARÁSITOS PERFECTOS*, DE LUIS CARLOS BARRAGÁN CASTRO

ANTHROPOCENE AND TRANS-CORPOREALITY IN LUIS CARLOS BARRAGÁN CASTRO'S *PARÁSITOS PERFECTOS*

Antonio Barros de Brito Junior (UFRGS)
antbarros@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-0251-2945
Camila Nascimento Cardozo (UFRGS)
camila.cardozo@ufrgs.br
https://orcid.org/0000-0003-1506-7681

RESUMO: *Este artigo trata do livro de contos do escritor colombiano Luis Carlos Barragán Castro, intitulado* Parásitos Perfectos *(2024). Primeiramente, é destacado o conceito de Antropoceno e a noção de interescalabilidade subjacente a ele. Com isso, salienta-se o fato de que o Antropoceno envolve ambiguidades relativas à agência humana que a noção de transcorporalidade, conceito criado por Alaimo (2010) para designar as relações entre o corpo humano e a matéria circundante, consegue apreender. Em seguida, apresenta-se o modo como a ficção científica de Barragán Castro (2024) reverbera as ambivalências do Antropoceno. O artigo conclui mostrando que os contos de Barragán Castro evidenciam os traços da transcorporalidade e do realismo agencial (Barad, 2007), em contraposição à alienação supostamente característica do Antropoceno.*

PALAVRAS-CHAVE: *Antropoceno; transcorporalidade; realismo agencial; ficção científica; Luis Carlos Barragán Castro.*

ABSTRACT: *This article deals with* Parásitos Perfectos *(2024), a book by the Colombian writer Luis Carlos Barragán Castro. First of all, the paper underlines the concept of Anthropocene, and the idea of interscalability that it entails. Thus, this study emphasizes the fact that the Anthropocene involves a certain paradox regarding human agency, that may be grasped by the concept of trans-corporeality, created by Alaimo (2010) in order to designate the relation between the human body and the matter that surrounds it. Secondly, the paper presents the way in which Barragán Castro's scientific fiction explores the ambivalences of the Anthropocene. The conclusion is that Barragán Castro's book shows the marks of the trans-corporeality and the agential realism (Barad, 2007), in contrast to the alleged alienation that*

pertains to the Anthropocene.

KEYWORDS: *Anthropocene; trans-corporeality; agential realism; scientific fiction; Luis Carlos Barragán Castro.*

1 Introdução: O Antropoceno e a transcorporalidade

O desequilíbrio entre a energia solar que ingressa na Terra e a refração dessa energia de volta para o espaço produz o aquecimento global. Quando há desequilíbrio, o clima colapsa, gerando fenômenos naturais cuja intensidade põe em risco a sobrevivência humana e de outros seres vivos na Terra. Atualmente, a concentração de dióxido de carbono na atmosfera está nos mesmos níveis do Plioceno, época geológica situada entre 5 e 2 milhões de anos atrás, quando os oceanos pulsavam de 15 a 20 metros mais alto do que hoje, e as temperaturas globais estavam de 2°C a 3°C mais quentes do que a temperatura média no período pré-Revolução Industrial (DeLay, 2024). Este momento histórico de iminente colapso do clima ganhou um nome que, embora tenha sido rejeitado pelas ciências geológicas, tem respaldo no campo da cultura. O Antropoceno, alcunha dada à nossa nova era geológica em que os humanos se tornaram um agente geológico da mudança climática, designa, sobretudo, o desequilíbrio energético e o colapso climático atuais[1].

No entanto, longe de ser apenas uma nomenclatura, o Antropoceno deve ser entendido como um conceito operacional tanto no campo das ciências humanas quanto no âmbito político. Para não falarmos desse último aspecto – o que nos levaria muito além dos objetivos do artigo –, e nos concentrando somente no aspecto científico do termo, é importante frisar que o Antropoceno compreende uma *era*, e que, portanto, ele tem a ver com um tipo de temporalidade específica. Em primeiro lugar, proposto como um termo que compreende uma época geológica, o Antropoceno diz respeito a uma época da evolução da Terra e, portanto, a uma certa condição material, biológica, física e química do planeta. Trata-se de uma temporalidade marcada por

[1] Elizabeth Kolbert (2015, p. 117), baseando-se nas observações de Paul Crutzen, o químico holandês que cunhou o termo "Antropoceno", elenca as características dessa nova era geológica: a atividade humana transformou até metade da superfície planetária; os rios foram represados; há mais nitrogênio fabricado por empresas de fertilizantes do que o produzido na natureza; a pesca afeta a população dos peixes na área litorânea; e, finalmente e talvez mais importante, os seres humanos alteraram a composição da atmosfera mediante a queima de combustíveis fósseis. Para entender mais as modificações produzidas pela atividade econômica nos ecossistemas, ver o livro de Luiz Marques (2023), onde se encontra uma detalhada lista de processos que deterioraram a capacidade regenerativa dos ecossistemas terrestres.

processos ecológicos que são absolutamente particulares, diferentes das demais eras e épocas – em particular o Holoceno, época na qual ainda nos encontramos, segundo os geólogos. Não obstante, o Antropoceno também nos remete a uma determinada configuração científica e sensível que não apenas descreve uma era geológica, mas salienta uma espécie de confusão interescalar do tempo. Dipesh Chakrabarty (2021, p. 155-156, tradução nossa) afirma que

> [e]xiste um amplo reconhecimento de que estamos atravessando uma fase única na história da humanidade, em que, pela primeira vez, nós conscientemente conectamos eventos que aconteceram em vastas escalas geológicas – como as mudanças em todo o sistema climático do planeta – com o que nós poderíamos fazer na vida cotidiana de pessoas, coletivos, instituições e nações (tais como queimar combustíveis fósseis). [...] O Antropoceno requer que nós pensemos nas duas escalas de tempo amplamente diferentes que a história da Terra e a história do mundo envolvem respectivamente: as dezenas de milhões de anos que uma época geológica abrange (o Holoceno parece ter sido uma época particularmente curta se a tese do Antropoceno estiver correta) versus as cinco centenas de anos no máximo que, conforme podemos afirmar, constituem a história do capitalismo[2].

Nesse sentido, o Antropoceno envolve uma relação temporal bem diferente da história humana tal como narrada na tradicional "seta do tempo". Uma relação temporal, portanto, que implica no pensamento sobre a celeridade da mudança climática – os humanos interferiram na composição atmosférica da Terra em questão de séculos, senão décadas –, concomitantemente às escalas geológicas de tempo que convivem no modo de vida contemporâneo. Assim, por exemplo, a queima do petróleo nada mais é do que a liberação de toda a energia solar armazenada nos fósseis dos organismos que viveram há milhões de anos, levando a um convívio forçado entre os seres de outrora e os seres vivos de então. Do mesmo modo, o consumo dos combustíveis fósseis leva a consequências presentes e vindouras, que durarão por séculos além do nosso modo de vida capitalista: acidificação e aumento do nível dos oceanos, derretimento de geleiras, desertificação de solos, redução maciça no número de espécies animais e vegetais etc. (Marques, 2023). No Antropoceno, os tempos se misturam.

Porém, a interescalabilidade não remete exclusivamente à temporalidade. Se o Antropoceno chama nossa atenção para as sobreposições geológicas, é sobretudo pelo fato de

[2] No original: "There is widespread recognition that we are passing a unique phase of human history when, for the first time ever, we consciously connect events that happen on vast geological scales – such as changes to the whole climate system of the planet – with what we might do in the everyday lives of individuals, collectivities, institutions, and nations (such as burning fossil fuels). [...] The Anthropocene requires us to think on the two vastly different scales of time that earth history and world history respectively involve: the tens of millions of years that a geological epoch usually encompasses (the Holocene seems to have been a particularly short epoch if the Anthropocene thesis is right) versus the five hundred years at most that can be said to constitute the history of capitalism".

DOI: 10.22456/2238-8915.146192

que, com elas, evidenciam-se outros tipos de relações sistêmicas que podem ser mais bem descritas como "simbióticas". O termo não é usado aqui com a precisão terminológica usual; antes, o que pretendemos sugerir é que o Antropoceno, diferentemente da concepção reinante no Holoceno – segundo a qual existe uma distinção clara entre a natureza e a humanidade –, intersecta esses âmbitos de tal modo que as noções de Vida e Não Vida, para usar a distinção de Elizabeth Povinelli (2016), sustentam-se, agora, em bases mais ambíguas do que a polaridade Natureza/Cultura que foi tão bem analisada por Bruno Latour (1994). Em outras palavras, o conceito de Antropoceno implica redefinir os contornos do que é a corporalidade e a agência humanas, de forma que os âmbitos da natureza – desprovida de alma ou de consciência – e da humanidade ou da cultura também entram em colapso. Considerando não só a nossa dependência dos combustíveis fósseis, mas de um sem-número de outros agentes biológicos que ora ativam, ora emperram a economia – basta lembrar do coronavírus e o *lockdown* dele decorrente; e levando em conta, inclusive, a emergência de novos agentes cibernéticos tanto na produção econômica quanto na produção cultural – as inteligências artificiais e outros tipos de máquinas –, observamos que a humanidade, hoje, é uma ideia que não pode prescindir de um olhar para o (meio) ambiente que a circunda. Com isso, a noção de transcorporalidade, de Stacy Alaimo (2010), mostra-se um recurso valioso: "[i]maginar a corporalidade humana como transcorporalidade, na qual o humano está sempre entrelaçado com o mundo mais-que-humano, sublinha a medida na qual a substância do humano é, no fim das contas, inseparável do 'ambiente'" (Alaimo, 2010, p. 2, tradução nossa)[3]. O aporte pós-humanista, escorado, por sua vez, nas recentes teorias feministas que observam o corpo em sua relação com os dispositivos da cultura e o meio ambiente (Haraway, 2016), ajuda a iluminar as intersecções humanas do Antropoceno.

Nesse sentido, a literatura contemporânea é também uma aliada. E, seguramente, a ficção científica de Luis Carlos Barragán Castro consolida-se como um dos exercícios mais ousados de se pensar a transcorporalidade: *Parásitos Perfectos* (Barragán Castro, 2024) apresenta uma série de contos que enfatiza o caráter simbiótico das relações humanas em um futuro indeterminado, no qual a espécie humana convive com a tecnologia e com outros animais e materiais diversos em um ambiente onde as leis da natureza se modificaram sobremaneira.

[3] No original: "Imagining human corporeality as trans-corporeality, in which the human is always intermeshed with the more-than-human world, underlines the extent to which the substance of the human is ultimately inseparable from 'the environment'".

DOI: 10.22456/2238-8915.146192

2 Parasitas perfeitos

O livro de Barragán Castro (2024) propõe um universo ficcional no qual alguns aspectos do presente capitalista, tecnológico e climático são exagerados para formar o espaço onde os protagonistas dos contos se movimentam. Não se trata, em todo caso, de uma distopia: Barragán Castro não pretende colocar o leitor em um universo saturado de precariedade e pavor como costumam ser as distopias clássicas. Em vez disso, o que temos em *Parásitos Perfectos* é a proposição de um mundo em que as espécies e a tecnologia avançada se interpenetram mutuamente, gerando o que Alexandre Nodari (2018, p. 9) chama de espaço transicional, "[...] em que contextos, mundos, se encontram, chocam ou equivocam: a continuidade espaço-temporal [...] dá lugar à contiguidade de lugares e tempos, no qual estes se rearranjam, se refazem *a partir* do seu encontro com o presente". Nesse espaço transicional de Barragán Castro, a humanidade não abandonou completamente a ideia de civilização, se por isso entendermos o ambiente urbano, geopolítico e institucional que organiza a vida contemporânea. Decerto, não estamos falando da mesma civilização de agora, uma vez que a do livro é afetada pela tecnologia e por um maior protagonismo das formas de vida não humanas que interagem com os personagens. Em todo caso, em linhas gerais, ainda estamos diante de um espaço organizado conforme os dispositivos governamentais – polícia, escola, a igreja – e socioeconômicos – o trabalho assalariado, o transporte metroviário e aeroviário, a desigualdade de riqueza entre os países – do presente. O que torna esse espaço insólito, porém, é o modo como ele é transformado pela presença de animais, insetos, máquinas e outros agentes não humanos. A título de ilustração, citamos alguns elementos presentes nos contos: piratas cibernéticos que roubam e traficam memórias através de dispositivos eletrônicos similares a um *flash drive*; o mercado intergalático de bens, realizado por pilotos castrados através de espaçonaves conectadas diretamente à rede neural do piloto por meio de um aparato inserido em sua cavidade peniana; automóveis que não são feitos de metais, mas, em vez disso, são insetos gigantescos, criados pelos mesmos fabricantes de automotores que existem hoje em dia; centopeias que são implantes cerebrais e que injetam memórias e identidades diferentes nos corpos das pessoas. Chamam a atenção, além disso, os casos em que o próprio ser humano se metamorfoseia em algo limítrofe entre ele e a máquina ou o animal.

O conto de abertura dá o tom do livro ao narrar em primeira pessoa a transformação do corpo de uma mulher em algo parecido com o corpo de uma larva gigante, posto a serviço de

um sistema de transporte semelhante ao metrô, o Transmioruga, "[...] uns monstros enormes e esbranquiçados, dotados de chifres pós-abdominais, espiráculos semitransparentes e apêndices exuberantes furta-cor" (Barragán Castro, 2024, p. 11, tradução nossa)[4], mas mantido por humanos metamorfoseados, num contexto em que o petróleo acabou na cidade de Bogotá:

> O programa de engorda me transformou nisso. Os deslocados pela violência e os venezuelanos que em algum momento tivemos que vender doces para pagar o aluguel acabamos no Plano Obrigatório de Mutações, POM. Para a prefeita, foi matar dois coelhos com uma cajadada só: solucionava o problema da mobilidade e dos refugiados. Ofereciam trabalho e alimentação a nós que tínhamos perdido tudo, e davam à cidade um serviço de transporte totalmente ecológico, sem emissões de CO2; tinham pensado em tudo, inclusive nossos resíduos orgânicos serviam de adubo. Cresci violentamente, a gordura aumentou em poucas semanas, nasceram protuberâncias no meu peito que se converteram em novas patas e minha coluna vertebral alargou-se em um processo doloroso, agônico, me retorci de sofrimento um mês inteiro com doses inúteis de morfina em comprimidos, tinha a pele brilhante de tão inflamada e esticada, a garganta ferida de tanto gritar. Meu rosto adotou as características monstruosas de uma lagarta de jardim. Ninguém está acostumado a ver de perto o aspecto de uma larva de mosca, os traços repugnantes dos ácaros da sarna, a ampliação macroscópica de um verme de tênia; nada me preparou para encontrar no espelho as características deformadas do meu rosto humano fundindo-se para sempre com a carne de inseto, despertando o terror de não ter cara em absoluto, de vê-la substituída por glândulas vultosas e peças bucais salpicadas de diabólicas penugens negras (Barragán Castro, 2024, p. 14, tradução nossa)[5].

O que se descreve aqui são dois aspectos do Antropoceno que o espaço transicional da ficção de Barragán Castro escancara. Primeiramente – e o mais óbvio –, o processo metamórfico narrado decorre da transformação econômica e climática do espaço presente – que remete à literatura de Kafka. Bogotá, na medida em que, na periferia do globo, não dispõe de combustíveis fósseis para implementar um sistema de transporte convencional, apela para o uso de corpos humanos através de um programa político altamente controverso – voltaremos a essa

[4] No original: "[...] unos monstruos enormes y blancuzcos dotados de cuernos postabdominales, espiráculos semitransparentes y apéndices exuberantes de colores tornasolados".

[5] No original: "El programa de engorde me convirtió en esto. Los desplazados por la violencia y los venezolanos que alguna vez tuvimos que vender dulces para pagar la habitación terminamos en el Plan Obligatorio de Mutaciones, POM. Para la alcadesa fue matar dos pájaros de un tiro: solucionaba el problema de la movilidad y el de los refugiados. Ofrecían trabajo y alimentación a quienes lo habíamos perdido todo y a la ciudad le daban un servicio de transporte totalmente ecológico, sin emisiones de CO2; habian pensado en todo, incluso nuestros residuos orgánicos servían como abono. Crecí violentamente, la grasa aumentó en pocas semanas, me nacieron protuberancias en el pecho que se convertieron en nuevas patas y mi columna vertebral se alargó en un proceso doloroso, agónico, me retorcí de sufrimiento un mes entero con dosis inútiles de morfina en pastillas, tenía la piel brillante de tan inflamada y estirada, la garganta herida de tanto gritar. Mi cara adoptó las características monstruosas de una oruga de jardín. Nadie está acostumbrado a ver de cerca el aspecto de una larva de mosca, los rasgos repugnantes de los ácaros de la sarna, la ampliación microscópica de una lombriz de tenia; nada me preparó para encontrar en el espejo las características deformadas de mi rostro humano hundiéndose para siempre en la carne de insecto, despertando el terror de no tener cara en absoluto, de verla reemplazada por abultadas glándulas y piezas bucales salpicadas de diabólicos vellos negros".

questão em breve –, que, amparado na necessidade ecológica de uma economia verde, produz e reproduz violências colonialistas e capitalistas enquanto busca soluções para os problemas da crise humanitária da migração e da mobilidade urbana em um clima abrasivo. Em contrapartida, porém, a metamorfose da narradora se dá de forma insólita, evidenciando a transcorporalidade em detrimento das questões socioeconômicas. Em última análise, o que se destaca do espaço transicional do conto é, antes de tudo, a contiguidade entre a suposta essência humana e o seu fora – o animal, o inseto. E isso se dá concomitantemente ao reconhecimento da falência das instituições políticas ao lidar com os problemas decorrentes do capitalismo neoliberal, o que transforma a ficção de Barragán Castro de kafkiana em beckettiana de um passo só.

Outros exemplos podem se somar a esse. De particular interesse é o conto "Carretera Negra", em que uma professora, cansada do *bullying* sistemático que seus alunos lhe dirigem, decide investir suas economias em um novo modelo de automóvel, a fim de se evadir e levar uma vida nômade junto a uma tribo formada por outros proprietários de carro. O automóvel, no entanto, é, para a estupefação do leitor, um inseto: "[f]ico surpresa ao escutar a expiração neutra da máquina e fico com a virilha úmida ao notar que a carapaça respira, que as partes que compõem sua armadura se movem organicamente" (Barragán Castro, 2024, p. 81, tradução nossa)[6]. Por mais que tenhamos a tentação de, nesse primeiro momento em que se descreve o objeto-animal, entendê-lo como uma espécie de metáfora do automóvel convencional – juntamente com aquele fetiche da mercadoria que sempre empresta características antropomórficas à máquina –, Barragán Castro não deixa dúvidas, na sequência do conto, de que de fato se trata de um animal. Que a evolução da fabricação dos automóveis tenha seguido o caminho da utilização de insetos gigantescos em substituição aos nossos atuais carros movidos a combustíveis fósseis é mais uma mostra da transformação econômica e climática do capitalismo neoliberal imaginado pelo autor colombiano nesse seu espaço-tempo incerto. Sutilmente, a degradação ambiental e a exasperação causadas pelas formas individualistas de recompensa social e moral são colocadas em perspectiva no espaço transicional da ficção. A professora, não podendo suportar as péssimas condições de trabalho na escola, e não tendo uma rede de suporte por meio da qual solucionar o seu problema, deixa a civilização para viver uma vida mais plena ao lado de seu objeto de consumo, dentro, portanto, de uma sensibilidade neoliberal característica de nosso tempo. O fetiche pelo objeto, contudo, transforma-se, na

[6] No original: "Me sorprende escuchar la exhalación neutra de la máquina y se me humedece la entrepierna al notar que el caparazón respira, que las partes que componen su armadura se mueven organicamente".

ficção de Barragán Castro (2024), em um outro tipo de relação, possivelmente menos implicada no processo de abstração da consciência provocado pela sociedade de mercado capitalista (Marx, 2017, p. 146 *et seq.*) e mais direcionada para a fuga desse tipo de organização da vida. A "Gordis", como é chamada pelos alunos, no instante em que foge das condições adversas da sociedade neoliberal, mergulha na relação transcorpórea com o objeto de consumo – na verdade, um inseto – de um modo protocooperativo: proprietária e carro compartilham a comida caçada por ambos; quando seus corpos não se fundem em movimentos coordenados com finalidades comuns durante as atividades de caça, os carros atuam como "espécies companheiras", nos moldes definidos por Donna Haraway (2021). Com isso, a relação Natureza/Cultura vigente no espaço urbano onde a protagonista sofre o *bullying* é substituída por uma relação distinta, em que a posse se transforma em "algo novo e arrojado", para citar Haraway (2021, p. 63), ao comentar os argumentos da adestradora de animais Vicki Hearne. Esse algo novo e arrojado, porém, "[...] não é a atribuição de um caráter tutelar ao humano, no lugar da posse, e também não é uma relação de propriedade convencional" (Haraway, 2021, p. 63). Em vez disso, forja-se uma relação Natureza/Cultura na qual, a exemplo do manifesto defendido por Haraway (2021) acerca dos cães, a herança genética que distingue humanos e animais não é constitutiva de uma separação rígida entre as esferas da cultura e da natureza em suas respectivas formas de reprodução. Se "[t]udo está em família", em parentescos que se produzem "[...] na barriga do monstro, a partir de histórias herdadas" (Haraway, 2021, p. 108), então a "Gordis" e seu carro-inseto formam uma família juntamente com a sua tribo. Ainda que a intrusão do arqui-inimigo da protagonista venha romper a paz vivida nessa condição mais "natural", o fato é que existe uma transcorporalidade que salienta a contiguidade entre as espécies no horizonte do Antropoceno e da catástrofe climática.

Em nenhum outro lugar o tema da contiguidade entre as espécies é tão aparente quanto em "Parásitos Perfectos", conto que dá título ao livro de Barragán Castro (2024). Nele, o autor põe em cena Batu, um imigrante mongol da terceira geração, avistado no Tinder pelo narrador. No primeiro encontro dos personagens em um *pub*, o narrador observa o que seria a principal característica de Batu, que o fazia figurar como um exemplar de umas das tantas subculturas urbanas da Bogotá calcinada e cortada pelo Transmioruga: "[...] Batu se virou para pedir o sal: aí vi pela primeira vez a brotação colorida de infecção dendrítica que subia pelo seu pescoço em padrões brilhantes" (Barragán Castro, 2024, p. 129, tradução nossa)[7]. Mais adiante, há uma

[7] No original: "[...] Batu se viró para pedirle la sal: ahí vi por primera vez el brote colorido de infección dendrítica

cena de sexo entre eles em que as peculiaridades de Batu se descortinam para o narrador e, portanto, para o leitor:

> A luz azul do salão de beleza da esquina iluminou seu corpo rechonchudo e pude ver seu sorriso de tranquilidade. Quando seus olhos infectados cintilaram, pronunciou com rapidez de especialista a palavra 'cisticercose', explicando que tinha cistos larvários de uma tênia de porco dentro do seu tecido cerebral. [...] Enquanto eu lambia os caminhos pruriginosos do seu pescoço, encontrei com os dedos uma textura parecida com a de papilas gustativas na parte de trás das suas orelhas; examinei o crescimento de pústulas fungiformes azuis sobre seu peito glabro, suas ramificações microscópicas cheias de cor, um espectro vibrante que se enrolava em torno dos mamilos. [...] Quando abaixei o seu prepúcio, um punhado de parasitas fotossensíveis se retorceu; umas minhocas de verme excitadas saíram de pequenos buracos em torno da glande (Barragán Castro, 2024, p. 129-130, tradução nossa)[8].

Ao fim do conto, o narrador anuncia aos pais, para o desgosto destes, que havia começado a própria transformação corporal enxertando parasitas em seu próprio corpo. De acordo com Batu, citando no conto os conceitos de Lynn Margulis, não se tratava somente de uma moda, mas sim de evoluir: "[p]rocessei o que ele tinha dito, e a vontade de me infectar ganharam um novo significado: – Ou seja, o que sinto é uma vontade de... – De evoluir – me interrompeu" (Barragán Castro, 2024, p. 136, tradução nossa)[9]. Segundo essa teoria (Margulis, 1998), a vida na Terra não segue necessariamente os processos evolutivos descritos pelo darwinismo, sendo, pelo contrário, melhor compreendida quando concebemos a evolução como o fruto de interações entre organismos de espécies distintas. De acordo com a bióloga,

> [...] os seres vivos desafiam a definição pura. Eles lutam, eles se alimentam, eles dançam, eles acasalam, eles morrem. Na base da criatividade de todas as grandes formas de vida conhecidas, a simbiose gera a novidade. Ela reúne diferentes formas de vida, sempre por algum motivo (Margulis, 1998, p. 9, tradução nossa)[10].

que le escalaba el cuello en patrones brillantes".

[8] No original: "La luz azul de la peluquería de la esquina iluminó su cuerpo rechoncho y pude ver su sonrisa de tranquilidad. Cuando sus ojos infectados destellaron, pronunció con rapidez experta la palabra 'cisticercosis', explicando que tenía quistes larvários de una tenia porcina dentro de su tejido cerebral. [...] Mientras le lamía los trayectos pruriginosos del cuello, encontre con los dedos una textura como de papilas gustativas en la parte de atrás de las orejas; examine el crecimiento de pupas fungiformes azules por su pecho lampiño, sus ramificaciones microscópicas llenas de color, un espectro vibrante que se arremolinaba alrededor de los pezones. [...] Cuando le bajé el prepucio, un puñado de parásitos fotosensibles se retorció: unas lombrices excitadas de verme salieron de agujeros diminutos alrededor de la glande".

[9] No original: "Procesé todo lo que había dicho, y las ganas de infectarme cobraron un nuevo significado: – O sea que lo siento son ganas de... – De evolucionar – me interrumpió".

[10] No original: "Living beings defy neat definition. They fight, they feed, they dance, they mate, they die. At the base of the creativity of all large familiar forms of life, symbiosis generates novelty. It brings together different life-forms, always for a reason".

DOI: 10.22456/2238-8915.146192

Mas, mais importante do que destacar a contiguidade das formas de vida do humano e, no caso, do parasita, a simbiose no conto também nos leva ao âmago do argumento que jaz na noção de Antropoceno, a saber, a hipótese de Gaia. Esta nada mais é do que a noção de que a própria Terra, independentemente da era geológica, comporta-se como um sistema de relações interespecíficas que abarca a Vida e a Não Vida como um todo, e que evolui conforme as dinâmicas e os equilíbrios são afetados:

> Eu não consigo enfatizar o suficiente o fato de que Gaia não é um único organismo. A minha Gaia não é uma noção vaga, exótica de uma Mãe Terra que nos nutre. A hipótese Gaia é ciência. A superfície do planeta, postula a teoria de Gaia, comporta-se como um sistema fisiológico de certas maneiras limitadas. Os aspectos que são controlados fisiologicamente incluem a temperatura da superfície e a composição atmosférica dos gases reagentes, incluindo o oxigênio e o pH ou a acidez-alcalinidade (Margulis, 1998, p. 123, tradução nossa)[11].

Nesse sentido, Barragán Castro (2024), através de seus contos, expõe ao leitor, com contundência, a hipótese Gaia de Margulis em termos literários. Batu – mas também a "Gordis" e a narradora do conto de abertura – ilustra a simbiose em seu corpo. A transcorporalidade evidenciada nessa figura abre caminho, por outro lado, para se cogitar sobre a interpenetração da vida naquilo que Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) chamam de imanência. A vida, não podendo mais ser distinguida entre a vida humana, que produz e reproduz a cultura, e a vida dos animais, insetos e parasitas, que é produzida na e pela natureza – e portanto, dentro dos parâmetros neoliberais, estudados por Povinelli (2016), e humanistas, abordados por Latour (1994) –, imbrica-se indefinidamente em um tecido mais complexo, que compreende o atravessamento infinito das formas, o compartilhamento incessante das particularidades, a composição associativa e rizomática que impede a distinção absoluta entre a essência do organismo e o seu exterior. Barragán Castro (2024) parece estar apontando para a imanência como forma de destacar aquilo que, no âmbito da vida sensível e da vida socioeconomicamente ativa do neoliberalismo cotidiano, resta desconhecido ou, melhor ainda, escamoteado. Não se trata, no contexto do Antropoceno e de tudo aquilo que ele revela para a ciência e para a vida prática, de elaborar um pós-humanismo impregnado de mais humanismo, mas sim um pós-humanismo que, no desdobramento do conceito de imanência, desloca o humano de seu lugar

[11] No original: "I cannot stress strongly enough that Gaia is not a single organism. My Gaia is no vague, quaint notion of mother Earth who nurtures us. The Gaia hypothesis is science. The surface of the planet, Gaia theory posits, behaves as a physiological system in certain limited ways. The aspects that are physiologically controlled include surface temperature and atmospheric composition of reactive gases, including oxygen and pH or acidity-alkalinity".

central na cadeia do Ser e o abriga em relações interespecíficas que mostram a codependência do humano com o produto de sua cultura e, principalmente, com os outros habitantes do seu próprio ecossistema. Barragán Castro (2024) ilustra o que Deleuze e Guattari (1995, p. 61) ousadamente disseram, ainda que com outro enfoque: "[...] os monstros humanos são embriões paralisados em certo grau de desenvolvimento, neles o homem é apenas uma ganga para formas e substâncias não-humanas". Segundo os autores franceses, só se pode abstrair a forma humana do continuum da existência através de máquinas de extração que dão ao humano sua consistência. Mas, em termos absolutamente empíricos, Deleuze e Guattari (1995) atestam que, no plano da imanência, há apenas a vida, uma vida, que se metamorfoseia em função dos agenciamentos maquínicos que operam nos estratos formadores do mundo empírico.

Seja como for, o que Barragán Castro (2024) alcança é uma maior clareza sobre a consciência científica, analítica e, por que não dizer, sensível sobre o Antropoceno e sua interescalabilidade. O mais ínfimo – o parasita – convive com o supostamente mais complexo – o humano – em relações não necessariamente cordiais, nem propriamente benéficas, mas sobretudo verdadeiras e efetivas, do ponto de vista da imanência e, sobretudo, da produção de mundos. Os estratos que compõem os diferentes níveis da natureza e os diferentes níveis da cultura são mesclados em uma outra ordem empírica e sensível que não prescinde da consciência ativa da existência de outro ser na constituição da vida. Não importa se, na ficção do autor colombiano, haja comerciantes intergaláticos, piratas de memórias, sacerdotes tecnocratas e toda sorte de trapaça que, de certo modo, já grassa em nossa sociedade atual – piramideiros, corruptos, influenciadores etc. O que se sobressai é a acoplagem constante entre humano, animal e matéria, inclusive no que diz respeito à própria tecnologia: não é só o último modelo de automóvel que é na verdade um inseto gigantesco; é também o crustáceo coprorreciclador, que serve de suprimento alimentar ao ter a boca acoplada ao reto humano, alimentando-se das fezes ao passo que defeca na boca do humano os excrementos que o alimentam; ou ainda a concha, que funciona mais ou menos como um *smartphone* e se conecta diretamente ao sistema nervoso do ouvido humano; ou, finalmente, os transplantes de rostos, realizados através da implantação, por baixo da pele artificial, de centenas de vermes responsáveis pelas expressões faciais (Barragán Castro, 2024). Se contarmos, ainda, os fungos do conto "Cefalomorfos", que nascem no banheiro e adquirem a forma de rostos de pessoas ao absorverem as memórias sentimentais através do contato com a pele, comunicando-se telepaticamente com o humano, temos, então, um quadro bastante rico, vívido e contundente

das concepções de imanência, simbiose e transcorporalidade no livro. O petróleo, fruto da decomposição dos micro-organismos de milhões de anos atrás, atualiza-se no microplástico que ingerimos e que já se deposita em nosso cérebro. Nosso corpo – vivo em função da matéria orgânica que digerimos – no Antropoceno já é, para todos os efeitos, perpassado pela matéria inorgânica dos materiais – silicones, titânio, estanho – e compostos químicos – dióxido de carbono e outros gases poluentes – que são o produto de interações socioeconômicas desenvolvidas pela cultura e se distinguem de uma natureza inerte que supostamente não concerne aos humanos. O que os estudos sobre o Antropoceno e a ficção de Barragán Castro nos mostram, no entanto, é que a divisão Natureza/Cultura não é tão estanque, de modo que a transcorporalidade, suprimindo essa divisão, postula que há uma "porosidade viscosa" que enfatiza as mediações entre o biológico, o social, o político e o ético (Alaimo, 2010, p. 15). Se seguirmos as intuições de Jane Bennett (2010), que mostram como a formação do corpo humano é ela própria determinada pelo mineral na sua composição, o que não nos permite separar a matéria inerte da matéria orgânica; ou se acompanharmos os *insights* de Laura Tripaldi (2023), para quem a ciência dos materiais auxilia na compreensão de mentes paralelas, mentes não propriamente humanas, ou melhor, mentes correlacionadas à mente humana; ou se, por fim, aceitarmos as implicações da metafísica da mistura de Emanuele Coccia (2018), segundo a qual as plantas executam a territorialização do sol no planeta e, além disso, estão em contato conosco através dos alvéolos de nossos pulmões que inspiram o oxigênio resultante da fotossíntese; então, por tudo isso, podemos perceber que a ficção de Barragán Castro exercita, no seu espaço transicional, o estranhamento da natureza circundante para melhor torná-la presente à nossa consciência contemporânea.

Resta saber, porém, o seguinte: na medida em que o autor de *Parásitos Perfectos* efetiva uma consciência mais precisa daquilo que a ciência evidencia sobre o Antropoceno, de que forma essa consciência conflita com a alienação que caracteriza, segundo DeLay (2024), o imobilismo político desse nosso contexto climático? Ao que parece, existe uma ambivalência no livro de Barragán Castro – ambivalência que, a nosso ver, é constitutiva dos estudos sobre o Antropoceno, especialmente quando tendem à questão da imanência. Ela pode ser definida da seguinte maneira: uma vez que os processos simbióticos e evolutivos são interescalares e coletivamente agenciados, há uma possibilidade de intervenção humana cada vez menor, de modo que as consequências desses processos não são de todo controladas ou mesmo não produzem os efeitos desejados pela humanidade. Em outras palavras, o paradoxo do

DOI: 10.22456/2238-8915.146192

Antropoceno e dos problemas escalares que ele desencadeia é o de que, quanto mais a humanidade interfere no clima através de sua civilização e sua economia predatória, atuando como uma entidade geológica modificadora das condições de vida, menos ela tem capacidade de responder aos desafios que ela própria se impõe e que Gaia lhe apresenta. A ideia de Isabelle Stengers (2015, p. 40), de que "[...] Gaia é indiferente à pergunta 'quem é responsável?' e não age como justiceira", envolve justamente a incapacidade de atuação e transformação humana diante da catástrofe climática. Cada vez mais a pergunta "quem é responsável?" perde relevância diante da pergunta "o que fazer agora?", posto que as ações para mitigar os efeitos do aquecimento global tornam-se prementes. Nesse cenário, consolida-se a demanda política por uma agência humana que possa transformar as condições atuais (Marques, 2023), não apenas em prol da manutenção da civilização e do capitalismo – como se vê nas políticas de mitigação assinadas em acordos multilaterais dos países ou nos subterfúgios socioeconômicos que no máximo aplacam a culpa individualizada, enquanto funcionam como estratégias diversionistas (DeLay, 2024) –, mas sobretudo em favor da continuação do ecossistema em sua plenitude – para o que já pode ser um pouco tarde. Diante disso, o que a transcorporalidade na obra de Barragán Castro tem a dizer?

3 Conclusão: Alienação, realismo agencial e transcorporalidade

Chama a atenção, nos contos de Barragán Castro (2024), o fato de que os personagens estão aparentemente alheios à própria condição de existência. Embora o mundo imaginado pela ficção científica do autor colombiano seja drasticamente diferente do nosso presente, os personagens não parecem se comportar como se essa realidade fosse estranha ou até mesmo inóspita. Tomemos novamente o exemplo da "Gordis": como dissemos, sua maior frustração – e a razão de sua ação mais intempestiva – é o *bullying*. A fuga da civilização e o posterior assassinato que ela comete são frutos de seu senso de justiça em relação às perseguições e violências verbais sofridas no cenário do mercado de trabalho e da vida em sociedade. Fora desse espaço, ela vive em harmonia com as pessoas, recuperando, inclusive, alguma sensação de bem-estar e de potência. Pelo menos até que Rodríguez, seu ex-aluno, ressurja, juntando-se à tribo e trazendo de volta o passado pessoal traumático. É nessa ocasião que a protagonista se enfurece e toma medidas para reverter a sua situação. Porém, em relação a todo o resto, ao que circunda esse mundo insólito onde insetos gigantes são automóveis que caçam outros

automóveis, provendo comida para os carros-insetos e membros da tribo, não há marcas no conto de qualquer insatisfação, dúvida ou angústia. A protagonista, assim como os demais personagens, parece aceitar como fato consumado a forma de organização da vida e da realidade que compartilha com os outros.

Voltemos ao conto do Transmioruga, em que a narradora afirma:

> [é] bom ter um emprego estável, eu não devia reclamar, mas tem seus riscos. Cada vez que há protestos contra o governo nacional alguma de nós sai ferida, nos queimam vivas nos enfrentamentos com a polícia, nos atiram pedras e paus e nos usam como escudos contra o ESMAD. Se ficamos permanentemente incapacitadas sempre encontram um substituto rápido, porque todos os imigrantes estão mortos de fome e fariam qualquer coisa para sobreviver (Barragán Castro, 2024, p. 15, tradução nossa)[12].

A crise humanitária que leva à criação e à manutenção do programa de engorda das mulheres que se transformam no Transmioruga está devidamente apresentada no conto. No entanto, o sentimento predominante na narrativa é a saudade que a narradora sente de Mario, seu antigo *affair*. Em outros contos, mesmo quando há uma situação crítica – como, por exemplo, o roubo da memória e da personalidade de Pablo, no conto "Simbiosis", ou o que acontece com Manuela no conto "Túneles", que, ao passar pelos portais dimensionais dos "modens", humanos com o poder de teletransportar qualquer um através de um pórtico em seu ventre, transforma-se em um animal que reluta em recobrar seu espaço no casamento e na família –, o que mobiliza os personagens são questões pessoais e de relações humanas. Essa característica dos contos de Barragán Castro corresponde a outro elemento importante em seu livro, que não podemos deixar de observar. O autor demonstra preocupação e sensibilidade com a temática feminista e queer, colocando-a no centro de alguns dos seus contos, dos quais "Túneles" é um exemplo a se juntar com "Om-Phalos9" e o já citado "Parásitos Perfectos". Mesmo dando ênfase maior às histórias que mobilizam desejos e apetites mais ligados às relações interpessoais, o fato é que o livro traz, desde o começo, a condição antropológica e socioeconômica da vida nesse futuro indefinido como um *leitmotiv* inescapável da experiência estética da leitura. Nesse sentido, que essas histórias se desdobrem nesse espaço ficcional não é uma questão acessória; pelo contrário, o que Barragán Castro (2024) explora é justamente o

[12] No original: "Es bueno tener un trabajo estable, no debería quejarme, pero tiene sus riesgos. Cada vez que hay protestas contra el gobierno nacional alguna de nosotras resulta herida, nos queman vivas en los enfrentamentos con la policia, nos lanzan piedras y palos y nos usan como escudos contra el ESMAD. Si quedamos incapacitadas de por vida siempre encuentran un reemplazo rápido, porque todos los inmigrantes están muertos de hambre y harían cualquier cosa por sobrevivir".

DOI: 10.22456/2238-8915.146192

engajamento dos personagens em suas vidas pessoais *apesar* do embaraço que o mundo ficcional lhes proporciona. Se, por um lado, os personagens se engajam com a tecnologia, os materiais, as formas de vida existentes naquele universo, por outro, as propriedades intrínsecas desse universo não são questionadas, fazendo com que suas vidas sejam levadas sem estupefação, com certa indiferença a tudo o que produz e antecede a existência de um mundo permeado por iniquidades e problemas ecológicos diversos. Existe, portanto, um sentimento difuso nos contos de Barragán Castro que se associa possivelmente ao que poderíamos chamar de alienação, e que reflete, no fundo, a ambivalência do Antropoceno.

Rahel Jaeggi (2014) traz algumas definições vernaculares e filosóficas sobre o conceito de alienação, mostrando que este remete tanto a um comportamento artificial, no qual o indivíduo demonstra falsas necessidades ou deseja aquilo que outrem aspira, quanto à noção clássica do materialismo dialético, segundo a qual a alienação, aparentada com a noção de reificação, remete à ideia de falsa consciência, ou melhor, de perda da consciência ativa diante da proliferação das mercadorias. Sumarizando, portanto,

> [u]ma relação *alienada* é uma relação *deficiente* que alguém tem consigo mesmo, com o mundo e com os outros. Indiferença, instrumentalização, reificação, absurdidade, artificialidade, isolamento, insignificância, impotência – todos esses modos de caracterizar as relações em questão são formas dessa deficiência. Uma característica específica do conceito de alienação é que ele se refere não apenas à impotência e à falta de liberdade, mas também ao característico empobrecimento da relação para consigo e para com o mundo (Jaeggi, 2014, p. 5-6, tradução nossa)[13].

Essa definição se encaixa na ficção de Barragán Castro, bem como na ambivalência do Antropoceno: grandes demais para serem modificadas somente pela agência humana, as transformações promovidas pela tecnologia e pela crise ecológica produzem um tipo de estranhamento – em nada semelhante ao deslumbramento – que desmobiliza o humano para as questões ambientais, tornando-o ora impotente, ora indiferente. Jaeggi (2014, p. 23, tradução nossa) complementa: "[...] relações alienadas são aquelas em que somos desempoderados enquanto sujeitos"[14]. Normalmente, tal sentimento de impotência e falta de liberdade tem por consequência uma relação mais pobre com o mundo, como bem observa Jaeggi (2014). No

[13] No original: "An *alienated* relation is a *deficient* relation one has to oneself, to the world, and to others. Indifference, instrumentalization, reification, absurdity, artificiality, isolation, meaninglessness, impotence – all these ways of characterizing the relations in question are forms of this deficiency. A distinctive feature of the concept of alienation is that it refers not only to powerlessness and a lack of freedom but also to a characteristic impoverishment of the relation to self and world".
[14] No original: "[...] alienated relations are those in which we are disempowered as subjects".

DOI: 10.22456/2238-8915.146192

entanto, mesmo nisso persiste uma ambiguidade inquietante, que Simon Hailwood (2015, p. 18, tradução nossa) sinaliza: "[...] é óbvio que a ignorância de nossa inserção ecológica na natureza mais ampla não nos coloca fora da natureza, e ainda não está claro por que nós deveríamos dizer que tal ignorância constitui uma *alienação em relação à natureza*"[15]. Nesse sentido, não sendo possível estarmos totalmente alheios à natureza e ao ambiente que nos envolve e nos sobredetermina – algo que a intrusão de Gaia faz questão de enfatizar (Stengers, 2015) –, algum grau de consciência sobre o espaço circundante tem que se manifestar no pensamento, nas ações e na linguagem. Quando isso não acontece – e esse parece ser o truque de Barragán Castro (2024) –, é a própria relação de heteronomia que se destaca como uma forma significante capaz de agenciar os sentidos das conexões imanentes entre o humano e a natureza. Se, na tradição filosófica, o conceito de alienação "[...] tenta identificar as condições pelas quais alguém pode se compreender como um sujeito, como o mestre de suas próprias ações" (Jaeggi, 2014, p. 23, tradução nossa)[16], então o que desponta em *Parásitos Perfectos* é algo similar, mas por outra via: incapacitado de agir no mundo das transformações sociais, tecnológicas e ecológicas que o oprimem, é justamente na imersão mais profunda nessa natureza, com seus materiais estranhos e seus diferentes organismos, que o personagem transforma a alienação enquanto impotência e empobrecimento em engajamento e possível emancipação. Os pilotos da nave em "Om-Phalos9", cujo ato sexual consiste em bater a fuselagem das respectivas naves uma na outra, ou mesmo Pablo, viciado em consumir memórias alheias e vítima dos piratas de memória do conto "Simbiosis", são exemplos de como o envolvimento com o ambiente é uma forma de "abraçar a alienação" (McGowan, 2024) que, em última análise, aceita a incompletude como possibilidade de abertura para a mudança. O quadro extremo disso é Manuela, do conto "Túneles", que, ao passar pelo portal de teletransporte que apaga as memórias e a identidade das pessoas, aproximando-as da condição animalesca, nega-se a retomar seu espaço na vida social: "Você quer me impor suas estúpidas regras de higiene? Você quer esconder a minha verdade? Meu verdadeiro cheiro, minha verdadeira fragrância! Você quer me controlar! Você quer me normalizar!" (Barragán Castro, 2024, p. 192-193, tradução nossa)[17].

[15] No original: "[...] it is obvious that ignorance of our ecological embeddedness in wider nature doesn't put us outside nature, it remains unclear why we should say such ignorance constitutes *estrangement from nature*".
[16] No original: "[...] attempts to identify the conditions under which one can understand oneself as a subject, as the master of one's own actions".
[17] No original: "¿Quieres imponerme tus estúpidas normas de higiene? ¿Quieres ocultarme mi verdade? ¡Mi verdadero olor, mi verdadeira fragancia! ¡Quieres controlarme! ¡Quieres normalizarme!".

Desse modo, o engajamento mais firme naquilo que supostamente diminui a agência humana – a realidade material das mudanças climáticas decorrentes do neoliberalismo e das práticas capitalistas extrativistas – parece ser uma manifestação de um desejo latente que, novamente, denota uma potência que não se furta em imiscuir-se na materialidade da vida metamorfoseada do Antropoceno. Em termos materialistas dialéticos, isso significa, possivelmente, um tipo de evasão da consciência, uma capitulação frente às formas de poder que organizam o trabalho e a sociedade. O sujeito, totalmente entregue às condições materiais insuficientes nas quais vive, é, por assim dizer, um alienado – e é justamente sobre esse processo de transformação da consciência alienada em consciência prática ativa que incide o materialismo dialético ortodoxo, mediante o caminho da práxis. Estar por dentro dos fenômenos é, portanto, habitar as consequências sem agir nas causas. Com isso, apenas a ação orientada por fora das relações materiais alienantes é que pode conduzir o mundo ao seu devido lugar, de modo que a agência humana, intervindo sobre outra agência humana – mediante o trabalho –, opera sobre o mundo para transformá-lo. Não estar alienado é, portanto, não estar alheio às causas, é ser capaz tanto de representar o mundo em sua relação dialética com a consciência quanto, e mais importante ainda, de transformá-lo mediante a práxis, a fim de construir o caminho da emancipação do sujeito. Tad DeLay (2024) mostra como, na sociedade capitalista atual, as reais causas do aquecimento global são mascaradas por estratégias falsas de mitigação e denegações de vários tipos – carros elétricos, consumo consciente etc. –, o que reproduz constantemente a alienação da perspectiva materialista dialética que o autor adota.

Porém, nos termos do realismo agencial de Karen Barad (2007) – que incorpora os postulados da física quântica, em particular as observações de Niels Bohr –, não é possível determinar com precisão os limites onde se encontram o dentro e o fora da ação humana, dado que a própria corporalidade humana imiscui-se na materialidade viva. Seguindo, em grande medida, as pistas da filosofia da imanência de Deleuze e Guattari (1995), Barad (2007) alega que, no realismo agencial, só os fenômenos importam, porque não há nada exterior a eles; eles são agenciamentos sem relações pré-determinadas, sem causas e consequências, dentro do paradoxo observacional da física quântica, segundo o qual não há uma distinção nítida entre observador e objeto. O representacionismo característico da filosofia humanística, que põe o homem como a medida de todas as coisas e influencia a concepção materialista dialética decorrente do binômio Natureza/Cultura, perde seu lugar tenente no realismo agencial, dando lugar à noção de performatividade, incorporada, entre outras coisas, dos estudos do pós-

DOI: 10.22456/2238-8915.146192

humanismo feminista e queer. Portanto, não há alienação propriamente dita quando se destaca a relação do humano com o mundo natural e com o mundo material circundante, como o faz Barragán Castro (2024). De acordo com Barad (2007, p. 184, tradução nossa, grifos nossos),

> numa explicação realista agencial das práticas tecnocientíficas, o conhecedor não se posiciona em uma relação de absoluta externalidade com o mundo natural – não existe um tal ponto de vista observacional exterior. [...] Nós não somos observadores externos do mundo. Nem estamos simplesmente localizados em lugares específicos do mundo; em vez disso, somos parte *do* mundo em sua contínua intra-atividade[18].

Logo, o que acontece no mundo não é necessariamente obra de uma mente externa ao fenômeno, que o conduz a partir de suas concepções. Nesse materialismo muito mais anti-hegelianista do que o materialismo dialético, apenas a performatividade dos corpos em relação produz efeitos práticos no mundo. Isso significa dizer que a única forma de elaboração e transformação da realidade existente é a mistura dos corpos, o agenciamento contínuo, num engajamento incessante com a matéria e os outros viventes.

Alaimo (2010) leva tudo isso em consideração na sua concepção de transcorporalidade:

> Uma vez que o eu material não pode ser desentrelaçado das redes que são simultaneamente econômicas, políticas, culturais, científicas e substanciais, o que outrora foi o ostensivamente delimitado sujeito humano se encontra em uma paisagem espiralada de incerteza, onde as práticas e as ações que antes não eram nem remotamente questões éticas ou políticas de repente se tornam o próprio cerne da crise presente. Isso fica especialmente evidente no caso da mudança climática global: um indivíduo, um lar, um negócio, uma universidade, uma cidade, um estado, uma nação ou um continente podem calcular a pegada de carbono deixada pela variedade de atividades humanas que emitem carbono. Acho importante enfatizar, no entanto, que a transcorporalidade, do modo como emerge na saúde ambiental, na justiça ambiental, nas subculturas da internet, no consumo verde, na literatura, na fotografia, nos sites de ativistas e nos filmes, é o reconhecimento não apenas de que tudo está interconectado, mas também de que os humanos são a própria matéria do mundo material e emergente (Alaimo, 2010, p. 20, tradução nossa).[19]

[18] No original: "In an agential realist account of technoscientific practices, the knower does not stand in a relation of absolute externality to the natural world – there is no such exterior observational point. [...] We are not outside observers of the world. Neither are we simply located at particular places in the world; rather, we are part of the world in its ongoing intra-activity".

[19] No original: "As the material self cannot be disentangled from networks that are simultaneously economic, political, cultural, scientific, and substantial, what was once the ostensibly bounded human subject finds herself in a swirling landscape of uncertainty where practices and actions that were once not even remotely ethical or political matters suddenly become the very stuff of the crises at hand. This is especially evident in the case of global climate change: an individual, household, business, university, city, state, nation, or continent can calculate the carbon footprint left by the stunning range of human activities that emit carbon. I think it is crucial to emphasize, however, that trans-corporeality, as it emerges in environmental health, environmental justice, web-based subcultures, green consumerism, literature, photography, activist websites, and films, is a recognition not just that everything is interconnected but that humans are the very stuff of the material, emergent world".

Dessa perspectiva, o Antropoceno não é uma ocasião para acentuar o imbricamento do humano e da natureza, do humano e da tecnologia, do humano e dos materiais e resíduos que compõem a realidade circundante e que foram deixados pela atividade econômica do capitalismo; ele é, na verdade, a consolidação de um outro materialismo, o materialismo da transcorporalidade ou o realismo agencial, no qual *necessariamente* estamos ao mesmo tempo alienados – de uma perspectiva filosófica idealista ou materialista dialética – e absolutamente engajados na transformação contínua dessa realidade. E, se é verdade, como diz Ursula Le Guin (2021, p. 24), que "[a] ficção científica propriamente concebida [...] é uma maneira de tentar descrever o que de fato está acontecendo, o que as pessoas realmente fazem e sentem, como as pessoas se relacionam com tudo mais neste vasto saco [...]", então Barragán Castro (2024), na medida em que povoa sua ficção com corpos crip (Greiner, 2023)[20], imaginando relações inusitadas entre o corpo humano e o animal, entre o corpo humano e a máquina, e colocando seus personagens em ação no espaço estranho do mundo transformado pela agência humana, a ponto de ser irreconhecível para o humano e deixá-lo impotente diante da Natureza/Cultura circundante, promove o reconhecimento, ao mesmo tempo intelectual e sensível, da ambivalência do Antropoceno. A familiaridade com que seus personagens encaram seu próprio mundo, longe de significar uma total alienação de sua parte, implica, ao contrário, em tomar partido desse mundo *ainda que*; significa, outrossim, agir *dentro* do mundo, e não conforme as elucubrações de uma inteligência abstrata, sem corpo, situada no intervalo entre fenômenos criados incessantemente nas relações transcorpóreas do humano com tudo o que constitui seu ambiente. Dissolvendo fronteiras entre corpo humano e materialidade circundante – máquinas, animais, matéria bruta –, Barragán Castro (2024) torna mais porosa a dicotomia Natureza/Cultura, trazendo para dentro da literatura o aspecto mais definidor do Antropoceno, a saber, a sua interescalabilidade – temporal e material – e o agenciamento trans-humano da realidade. Como afirma Hailwood (2015, p. 20, tradução nossa): "[...] superar a alienação do mundo humanizado e do mundo natural depende de cada um como parte de um projeto para superar as formas perniciosas de alienação da natureza"[21]. Sendo assim, *Parásitos Perfectos* supera o estranhamento alienante e paralisante provocado pela emergência de Gaia e pelas

[20] Cripistemologia é o campo de análise dos corpos dos portadores de deficiências ("*cripple*") e dos corpos alterados ("*creepy*"), os corpos crip, "[...] que faz emergir uma política de deliberada fragilidade (e imprevisibilidade), que nada tem a ver com o ficar inerte sem ação, mas, em vez disso, concentra-se na recusa em habitar os parâmetros neoliberais de ativação" (Greiner, 2023, p. 36-37).

[21] No original: "[...] overcoming estrangement from the humanized world and the natural world rely upon each other as part of a project to overcome pernicious forms of estrangement from nature".

DOI: 10.22456/2238-8915.146192

consequências trazidas pela agência humana no Antropoceno, abraçando formas de estranhamento literárias que, em última análise, refletem a ambiguidade dos nossos tempos: nós, humanos, somos tão imensos e destrutivos quanto as forças geológicas e, no entanto, somos incapazes de solucionar os problemas civilizacionais e ecológicos que nós mesmos criamos. Somos alienados e, ao mesmo tempo, estamos incessantemente engajados na produção do nosso próprio mundo e de nosso próprio devir – seja ele qual for...

REFERÊNCIAS

ALAIMO, Stacy. *Bodily Natures*. Science, Environment, and the Material Self. Bloomington; Indianápolis: Indiana University Press, 2010.

BARAD, Karen. *Meeting the Universe Halfway*. Quantum Physics and the Entanglement of Matter and Meaning. Durham; Londres: Duke University Press, 2007.

BARRAGÁN CASTRO, Luis Carlos. *Parásitos Perfectos*. Buenos Aires: Caja Negra, 2024.

BENNETT, Jane. *Vibrant Matter*. A Political Ecology of Things. Durham; Londres: Duke University Press, 2010.

CHAKRABARTY, Dipesh. *The Climate of History in a Planetary Age*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2021.

COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas*. Uma metafísica da mistura. Tradução: Fernando Scheibe: Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

DELAY, Tad. *Future of Denial*. The Ideologies of Climate Change. Londres; Nova York: Verso, 2024.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 10.000 a.C. – a Geologia da Moral (quem a Terra pensa que é?). *In*: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Tradução: Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

GREINER, Christine. *Corpos crip*. Instaurar estranhezas para existir. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HAILWOOD, Simon. *Alienation and Nature in Environmental Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

HARAWAY, Donna J. *Staying with the Trouble*. Making Kin in the Chthulucene. Durham; Londres: Duke University Press, 2016.

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras*. Cachorros, pessoas e a alteridade significativa. Tradução: Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

JAEGGI, Rahel. *Alienation*. Tradução: Fredrick Neuhouser e Alan E. Smith. Nova York: Columbia University Press, 2014.

KOLBERT, Elizabeth. *A Sexta Extinção*. Uma história não natural. Tradução: Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Ensaio de antropologia simétrica. Tradução: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LE GUIN, Ursula. *A teoria da bolsa da ficção*. Tradução: Luciana Chieregati e Vivian Chieregati Costa. São Paulo: n-1 edições, 2021.

MARGULIS, Lynn. *Symbiotic Planet*. A New Look at Evolution. Nova York: Basic Books, 1998.

MARQUES, Luiz. *O decênio decisivo*: propostas para uma política de sobrevivência. São Paulo: Elefante, 2023.

MARX, Karl. *O Capital*: crítica da economia política. Livro I – o processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.

MCGOWAN, Todd. *Embracing Alienation*. Why We Shouldn't Try to Find Ourselves. Londres: Repeater Books, 2024.

NODARI, Alexandre. Alterocupar-se: obliquação e transicionalidade na experiência literária. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 57, e5715, p. 1-17, 2019.

POVINELLI, Elizabeth A. *Geontologies*. A Requiem to Late Liberalism. Durham; Londres: Duke University Press, 2016.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. Resistir à barbárie que se aproxima. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TRIPALDI, Laura. *Mentes paralelas*. Descubrir la inteligencia de los materiales. Tradução: Fernando Venturi. Buenos Aires: Caja Negra, 2023.

Texto submetido em: 06 mar. 2025

Aceito para publicação em: 19 jul. 2025

DOI: https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.146192